

ENSINO HISTÓRICO DA FILOSOFIA E SEU CARÁTER INTERDISCIPLINAR

Frederico Silva Lopes Aguiar¹

Resumo: A partir do ano de 2008 a filosofia volta a ser matéria obrigatória no currículo das escolas de ensino médio brasileiras. Já na década de 1980, quando esta disciplina ainda permanecia fora do ensino médio, surgiam discussões sobre seu método de ensino, conteúdo a ser aplicado e quantidade de carga horária necessária. Muito se discutiu sobre o assunto e as divergências aumentaram a cada debate ou texto escrito. Encontramos na literatura que a o ensino de filosofia deve ser partir de temas, sem se preocupar com a ordem em que os mesmos aconteceram na história do ocidente. Sem um foco interdisciplinar para o ensino médio em geral, incluindo a filosofia, dificilmente conseguiremos em aulas de 45 minutos, uma vez por semana, despertar nos alunos a capacidade de ler textos filosóficos de modo significativo, contextualizar conhecimentos filosóficos, fazer com que eles debatam sobre os textos e elaborem escritos de modo reflexivo. Ao observarmos a riqueza de toda a história da filosofia percebemos a ligação entre várias áreas do conhecimento dispostas em lugares distintos no modo contemporâneo do conhecimento. Não propomos que o ensino por meio da história da filosofia despreze a análise dos conceitos, já que é impossível passar pelo curso histórico da filosofia sem esclarecer conceitos que são inerentes à sua história. Porém, explicar conceitos sem recorrer à história ou simplesmente ignorá-la, torna o ensino frouxo, pois o aluno não compreenderá a influência necessária de outros pensamentos para a busca de uma solução filosófica, não conseguirá situar o tema ao longo da história tampouco entrar em contato com as várias maneiras distintas de entender e pensar questões variadas que os filósofos se preocuparam por mais de 2.500 anos. Talvez este ensino frouxo seja o mesmo “blábláblá” filosófico ao qual Marcos Nobre e Ricardo Terra se referem no notável texto “*Ensinar filosofia – uma conversa sobre aprender a aprender*”. Um ensino pouco coerente e rígido em relação às necessidades exigidas por um conhecimento muito antigo, imerso em uma linguagem técnica que se diferencia da linguagem ordinária e de enorme variação conceitual em seu corpo, como é a filosofia.

Palavras-chave: ensino da filosofia; história; interdisciplinaridade; formação.

Apresentação e delimitação do problema

A partir do ano de 2008 a filosofia volta a ser matéria obrigatória no currículo das escolas de ensino médio brasileiras. Já na década de 1980, quando esta disciplina ainda permanecia fora do ensino médio, surgiam discussões sobre seu método de ensino, conteúdo a ser aplicado e quantidade de carga horária necessária. Muito se discutiu sobre o assunto e as divergências aumentaram a cada debate ou texto escrito. Encontramos na literatura que o ensino de filosofia deve ser partir de temas, sem se preocupar com a ordem em que os mesmos aconteceram na história do Ocidente. Por outro lado, deparamo-nos com autores crenes que o ensino não pode ser oferecido fugindo de certa ordem cronológica. Alguns, ainda, chegam a duvidar da possibilidade de oferecer o ensino da filosofia no nível médio. O

¹Acadêmico do curso de Filosofia (Licenciatura) da Universidade Federal de Goiás e Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência PIBID/CAPES, sob a coordenação da Profª Ms. Carmelita Brito de Freitas Felício. E-mail: frederico1986@hotmail.com

fato é que, temos a disciplina sendo oferecida aos estudantes do nível médio e, baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, vemos que as competências e habilidades a serem desenvolvidas pela filosofia são:

Ler textos filosóficos de modo significativo; ler, de modo filosófico, textos de diferentes estruturas e registros; articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas ciências naturais e humanas, nas artes e em outras produções culturais; contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica quanto em outros planos: o pessoal-biográfico; o entorno sociopolítico, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológica; elaborar, por escrito, o que foi apropriado de modo reflexivo; debater, tomando uma posição, defendendo argumentativamente e mudando de posição em face de argumentos mais consistentes (1999, p. 44).

Estas são competências e habilidades que os alunos devem desenvolver após entrarem em contato com a disciplina no ensino médio. Presenciando, porém, aulas de filosofia através de estágios supervisionados no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - CEPAE, durante o primeiro e segundo semestres de 2009, não foi possível notar o desenvolvimento de nenhuma dessas habilidades ou competências adquiridas a partir do contato que os alunos tiveram com a filosofia. As aulas eram ministradas a partir de temas que não seguiam, necessariamente, um percurso na linha histórica da filosofia.

As capacidades a serem alcançadas pelos alunos se mostram relativamente claras nos PCNs para o ensino médio. A maior dificuldade e divergência entre opiniões diz respeito ao modo como a disciplina deve ser apresentada aos estudantes. Nos PCNs para o Ensino Médio, há uma referência explícita “ao espírito de uma legislação que destina um papel primordial para a Filosofia no Ensino Médio” (p. 45). Isso fica mais claro quando é apontado

o foco para a interdisciplinaridade, proposta como eixo estruturante a ser privilegiado em toda formulação curricular e o modo como devem ser tratados os conhecimentos filosóficos, conforme indicado expressamente na Resolução 03/98, a saber, no § 2º, alínea b do Artigo 10 – “*As propostas pedagógicas das escolas deverão assegurar tratamento interdisciplinar e contextualizado para os conhecimentos de filosofia*” (p. 45). Assim, o papel da Filosofia fica alargado e poderemos, a partir de qualquer posição em que estivermos, ajudar a pôr em marcha a cooperação entre as diferentes perspectivas teóricas e pedagógicas que compõem o universo escolar (p. 45-46).

Sem um foco interdisciplinar para o ensino médio em geral, incluindo a filosofia, dificilmente conseguiremos em aulas de 45 minutos, uma vez por semana, despertar nos alunos a capacidade de ler textos filosóficos de modo significativo, contextualizar conhecimentos filosóficos, fazer com que eles debatam sobre os textos e elaborem escritos de modo reflexivo. Ao observarmos a riqueza de toda a história da filosofia, percebemos a

ligação entre várias áreas do conhecimento dispostas em lugares distintos no modo contemporâneo da academia. Este modo contemporâneo é caracterizado pela fragmentação e especialização cada vez maior das disciplinas ao ponto de matérias que estão dentro das ciências naturais, como a mecânica e a física teórica ou quântica, não se comunicarem por falta de convergência conceitual. Porém, ainda hoje no currículo das escolas de nível médio brasileiras, encontramos vasta possibilidade de trabalharmos conteúdos de filosofia através de eixos interdisciplinares com outras matérias. Praticamente todos os assuntos estudados em filosofia para o ensino médio são passíveis de tratamento interdisciplinar com a biologia, matemática, artes, história, etc. Além disso, como nota Sílvia Gallo (2002, p. 201)

[...] da mesma forma que um jovem precisa, em sua formação, para que essa seja completa e não apenas um “treinamento” para uma profissão ou mesmo para o mundo, ter acesso ao universo de produção de saberes das mais diferentes disciplinas científicas, como forma de conhecer e compreender o mundo, ele precisa ter acesso ao universo da produção artística e da produção filosófica. E não apenas para compor um repertório cultural amplo, como afirmam alguns; esse repertório é importante, mas não suficiente. Se o mundo é uma diversidade, é preciso que se conheça ou ao menos se tome contato com as diferentes perspectivas. (GALLO, 2002, p. 201).

Discussão teórica

Se observarmos o modo de estruturação dos cursos de graduação na atualidade, perceberemos que, boa parte, ainda possui um tronco comum, de uma maneira muito semelhante àquela desenvolvida pelos filósofos antigos. Nos trabalhos de Aristóteles, por exemplo, o conhecimento é organizado em três áreas, a saber, lógica, física e metafísica. A metafísica iniciada por Platão foi muito bem desenvolvida por seu discípulo mais conhecido; a biologia, como a estudamos hoje, também é iniciada pelo estagirita; e, talvez, o mais importante, as quatro possibilidades do discurso humano: poética, retórica, dialética e analítica, também pelo mesmo mestre. Depois do “advento aristotélico” – chamemos assim a vida e a obra do filósofo -, o conhecimento tem se tornado cada vez mais fragmentado e distante um do outro. Por isso, “a interdisciplinaridade é o lugar onde se pensa hoje a condição fragmentada das ciências e onde, simultaneamente, se exprime a nossa nostalgia de um saber unificado” (Pombo, 2004, p. 5).

No presente trabalho, não é nosso objetivo apresentar uma defesa do conhecimento unitário para alunos do ensino médio. A perspectiva aqui se volta muito mais a esse exercício de pensar o problema da formação filosófica de jovens que nunca tiveram contato com a

matéria anteriormente, de uma maneira mais eficaz e completa. No ensino médio as matérias não podem estar isoladas como conhecimentos incomunicáveis, pois a compreensão por parte do aluno pode ser mais larga, se este perceber a linha comum que corta o conhecimento já fragmentado. O ensino histórico se torna interdisciplinar quando, ao passar por seus autores e temas, o professor chega mais perto de outros conhecimentos e oferece ao estudante a chance de uma compreensão mais ampla e instigante. Defendemos, portanto, a necessidade deste eixo interdisciplinar para que os alunos consigam visualizar e situar o conhecimento filosófico ao lado das outras áreas do conhecimento e, então, desenvolver as habilidades e competências propostas nos parâmetros curriculares para os conhecimentos de filosofia no ensino médio, com os quais concordamos. Na falta do foco interdisciplinar e da detida explanação histórica da filosofia, abrangendo suas problemáticas e argumentações, nas salas de aula o que presenciamos é apenas “uma maneira de produzir pretensas construções teóricas sem qualquer conexão conceitual rigorosa. É como colocar imagens, umas ao lado de outras, provocando certa fricção, determinado efeito no espectador. Não chega nem a ser retórica, porque a retórica tem regras muito rigorosas. É algo anterior à retórica” (Nobre, 2007, p.19)

Não propomos que o ensino através da história da filosofia exclua a análise conceitual. É impossível passar pelo curso histórico da filosofia sem esclarecer conceitos que são inerentes à sua história. Porém, explicar conceitos sem recorrer à história ou simplesmente ignorá-la, torna o ensino frouxo, pois o aluno não compreenderá a influência necessária de outros pensamentos para a busca de uma solução filosófica, não conseguirá situar os problemas ao longo da história, tampouco entrar em contato com as várias maneiras distintas de entender e pensar questões variadas que preocuparam os filósofos por mais de 2.500 anos.

Talvez este ensino frouxo seja o mesmo “blábláblá” filosófico mencionado por Marcos Nobre (2007). Um ensino pouco coerente e rígido em relação às necessidades exigidas por um conhecimento muito antigo, imerso em uma linguagem técnica que se diferencia da linguagem ordinária e de enorme variação conceitual em seu corpo, como é a filosofia. Conhecer o maior número de escolas filosóficas seria uma forma de contribuir para o ensino histórico da filosofia por meio de uma abordagem interdisciplinar, visto que, até a idade moderna, a maioria dos pensadores se preocupava com uma unidade do saber, escrevendo sobre temas que variavam da matemática à política, da metafísica à física.

Do ponto de vista mais prático, porém, interessa-nos a contribuição que o professor de filosofia pode oferecer, na perspectiva de um trabalho conjunto com professores de outras disciplinas. Nesse sentido, seria importante atentar para a proposta de Nascimento (1986, p. 117), segundo a qual o procedimento interdisciplinar “não constitui nenhuma intromissão do

professor de filosofia em domínio alheio, mas sim, intercâmbio entre áreas distintas, e que poderá resultar em benefício para todos, guardadas, evidentemente, as especialidades de cada professor”. É nesse intercâmbio que a história da filosofia, com seu conteúdo específico, só poderá contribuir para o alargamento do horizonte das possibilidades de investigação de problemas de interesse de professores e estudantes.

Orientações metodológicas e resultados

Este trabalho integra as atividades do projeto “*Filosofia e ensino: a interdisciplinaridade em questão*”, vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID². Este projeto pretende oferecer uma contribuição para qualificar a formação de futuros professores de filosofia, busca valorizar a dimensão didático-pedagógica da filosofia e, com isso, contribuir na formulação de uma proposta didática para o seu ensino. No tocante às investigações que deram origem ao presente trabalho, nosso objetivo é pensar as condições de possibilidade da abordagem interdisciplinar por meio das relações entre o ensino de filosofia e a história da filosofia.

Partindo, então, da observação dos problemas frequentemente encontrados no ensino de filosofia, temos procurado conhecer o modo pelo qual a matéria de filosofia é ministrada no Colégio Estadual Pré-Universitário, situado no setor Leste Universitário, em Goiânia, Goiás, escola que tem sido o campo de atuação dos bolsistas integrados ao PIBID. Com o imprescindível embasamento teórico, temos procurado conhecer a escola através de entrevistas com os alunos, professores, coordenadores pedagógicos e direção.

Na fase atual de desenvolvimento do projeto, temos nos dedicado ao trabalho de orientação a um grupo de alunos, matriculados na disciplina optativa *Filosofia Geral e da Educação*. O objetivo desta atividade é o estudo de um problema, escolhido pelos próprios alunos. A metodologia que vem orientando o estudo coincide com a proposta apresentada acima, qual seja, a adoção de uma perspectiva histórica e interdisciplinar para pensar o problema do aborto, objeto do estudo em curso. Ressalte-se, ainda, a título de esclarecimento, que o problema sugerido pelos alunos vem mobilizando não só o grupo, como também, o autor deste trabalho, na medida em que, o aborto é, com efeito, um problema que desafia o pensamento.

²Trata-se do Subprojeto de Filosofia que integra o projeto institucional da UFG/PIBID/CAPES.

Referências

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais – Ensino Médio*. Brasília, DF: 1999.

NASCIMENTO, Milton Meira. A filosofia no segundo grau – sua importância, sua especificidade. In: NIELSEN NETO, Henrique (org.). *O ensino da filosofia no 2º grau*. São Paulo: SOFIA Editora SEAF, 1986, p. 115-118.

NOBRE, Marcos. *Ensinar filosofia : Uma conversa sobre aprender a aprender / Marcos Nobre, Ricardo Terra*. – Campinas, SP: Papirus, 2007.

POMBO, Olga. *Interdisciplinaridade e integração dos saberes*. Conferência apresentada no Congresso Luso-Brasileiro sobre Epistemologia e Interdisciplinaridade na Pós-Graduação da PUC-RS em junho de 2004. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/porto%20alegre.pdf>. Acesso em 13, novembro, 2010.

GALLO, Sílvio. Um olhar sobre o ensino de filosofia. *Filosofia no ensino médio*. Org. FÁVERO, Altair Alberto, KOHAN, Walter Omar, RAUBER, José Jaime Ijuí: Ed UNIJUÍ, 2002. – 296p. – (Coleção filosofia e ensino).